

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
ALLAN DWAN  
10 e 13 de janeiro de 2022

# THE IRON MASK / 1929

(*A Máscara de Ferro*)

um filme de Allan Dwan

**Realização:** Allan Dwan / **Argumento:** Elton Thomas (Douglas Fairbanks), segundo os romances *Os Três Mosqueteiros* e *O Visconde de Bragelonne*, de Alexandre Dumas / **Fotografia:** Henry Sharp / **Fotografia Adicional:** Warren Lynch / **Direcção Artística:** Maurice Leloir / **Cenários Interiores:** Burgess Beall / **Montagem:** William Nolan / **Figurinos:** Maurice Leloir, Gilbert Clark / **Intérpretes:** Belle Bennett (Rainha Mãe), Marguerite de la Motte (Constance), Dorothy Revier (Milady de Winter), Vera Lewis (Mme Peronne), Rolfe Sedan (Luis XIII), William Bakewell (Luis XIV, e o seu gémeo), Gordon Thorpe (o jovem príncipe e o seu gémeo), Nigel de Brulier (Cardeal Richelieu), Ulrich Haupt (De Rochefort), Lon Poff (padre Joseph), Charles Stevens (Planchet), Henry Otto (criado do Rei), Leon Barry (Athos), Stanley Sandford (Porthos), Gino Corrado (Aramis), Douglas Fairbanks (D' Artagnan).

**Produção:** Elton Corp. para a United Artists / **Cópia:** em 35mm, preto e branco, sonoro e mudo, com intertítulos em inglês e legendagem eletrónica em português, 108 minutos (a 22 imagens por segundo e a 24 imagens por segundo nos dois momentos sonorizados) / **Estreia Mundial:** Cinema Rivoli, Nova Iorque, em 21 de Fevereiro de 1929 / **Estreia em Portugal:** Tivoli, em 10 de Fevereiro de 1930.

**Nota:** A cópia que vamos exhibir inclui dois pequenos excertos sonorizados (no início do primeiro e do quarto rolos) de acordo com a versão que foi distribuída originalmente.

\*\*\*\*\*

Com acompanhamento ao piano por Filipe Raposo na sessão de dia 10

\*\*\*\*\*

Este **The Iron Mask** além de ser um excelente espectáculo de aventuras é também um verdadeiro documento histórico. Referimo-nos, naturalmente, ao lugar que teve (tem) na história do cinema. Por um lado é o último grande swashbuckler "mudo". Representa também o derradeiro grande filme de Douglas Fairbanks, terminando também a sua colaboração com o realizador Allan Dwan. Finalmente, é um filme característico dessa fase de transição do cinema mudo para o sonoro.

Hollywood nos anos 20 talvez se possa resumir em quatro rostos: Chaplin, Fairbanks, Tom Mix e Valentino, reis nos géneros mais apreciados do público, o burlesco, a aventura, o western e o romance, mas os três primeiros fazem parte, também, dos "pioneiros", o grupo que "construiu" a capital do cinema, sendo o último já a sua "primeira" criação. Fairbanks desde 1915 que começara a entusiasmar os espectadores com as suas proezas acrobáticas numa série de comédias, westerns e outros filmes de acção. Um dos seus mais conhecidos filmes dos primeiros anos (que já vimos nesta sala) foi **The Good Bad Man**, comédia de acção no Oeste onde é dirigido pela primeira vez pelo pioneiro Allan Dwan. É este género de filmes que domina até 1920. Terá sido a "inflacção" de rivais neste género e a inevitável repetição de situações dos argumentos que levou Fairbanks a procurar outros campos onde pudesse explorar os seus dotes atléticos de maneira mais apropriada do que às peripécias semi-burlescas de então, para responder ao seu empenho na nova companhia que formara, com a mulher, Mary Pickford e com Griffith e Chaplin, a United Artists. A escolha para a "mudança" recaiu numa história de Jonston McCulley, **The Curse of Capristano** que se transformou em **The Mark of Zorro**, dirigido Fred Niblo em 1920. O sucesso ultrapassou as mais optimistas das perspectivas fazendo de Fairbanks um ídolo mundial que só

terá tido rival em Chaplin (aliás as viagens que ambos fizeram nesta década pela Europa e levou o casal Fairbanks/Pickford à própria URSS, com os seus banhos de multidão são um bom testemunho dessa popularidade). Pode-se dizer também que com o triunfo da primeira versão de **The Mark of Zorro** nasceu um género: o swashbuckler, ou o filme "de capa e espada". Poderá ter havido alguns antes, mas é aqui que se criam "regras" e se impõe um "modelo" retomado por todos os seguintes com mais ou menos variações. A década de 20 vai tornar-se a primeira "era de ouro" do swashbuckler principalmente graças aos filmes que Fairbanks interpreta, que servirão também de modelo para os seus "herdeiros" (de Errol Flynn e Tyrone Power, ao seu filho Douglas Fairbanks Jr.). Além de Zorro ele vai ser D' Artagnan, Robin dos Bosques, o Ladrão de Bagdad e o Pirata Negro. De certo modo também se pode dizer que foi Fairbanks quem "instituiu" a moda das "sequelas" de super-produções de êxito. Neste campo foi um produtor tão avisado como hoje são um George Lucas e um Spielberg, herdeiros dessa noção de cinema espectáculo. Em 1925 retoma a personagem de Zorro, surgindo como seu "filho" em **Don Q, Son of Zorro**, de Donald Crisp e em 1929, o de D' Artagnan que interpretara em 1921 em **The Three Musketeers**, de Fred Niblo. Autor também do argumento (sob o nome de Elton Thomas) como o fora em quase todos os filmes anteriores, Fairbanks dá a **The Iron Mask** (muito livremente inspirado em **Os 3 Mosqueteiros** e **O Visconde de Bragelonne**) a ideia de "sequela" tal como hoje a entendemos, indo buscar quase todos os actores principais que tinham aparecido em **The Three Musketeers**. As excepções são Adolphe Menjou (Luis XIII) substituído por Rolf Sedan, talvez devido à brevidade do papel, e os intérpretes de Porthos e Aramis. Nigel de Brulier é de novo Richelieu e Marguerite de la Motte retoma a figura de Constance.

Produzido em 1929 já quando o sonoro se impunha, **The Iron Mask** é ainda uma produção "muda". A pesada e complicada maquinaria que o som requeria impedia a exploração de cenas de acção. Vai levar ainda algum tempo até as câmaras readquirirem a sua "autonomia". Mas não o era totalmente. Foi um dos muitos produtos híbridos nascidos desses tempos de mudança. A produção original tinha som sincronizado em disco e música "original" de Hugo Riesenfeld. Além disso as duas partes em que o filme nitidamente se divide (e que correspondem a tempos diferentes, "20 anos depois") tinham uma apresentação falada pelo próprio Fairbanks, numa espécie de compromisso com a nova tecnologia, que desapareceu durante muito tempo das cópias existentes (que apenas tinham a banda de imagem) e que nesta versão é possível ouvir novamente.

Sinal de mudança. Sentimento do fim de um tempo? **The Iron Mask** deixa essa sensação quando o vemos à distância, colocado no seu tempo e na carreira de Fairbanks. Dir-se-ia que este teve a premonição desse fim, ao retomar o personagem de D' Artagnan na sua última aventura, que seria também a derradeira do actor. Ou pelo menos, aquela em que ainda houve uma comunicação entre ele e o público. A sua "entrada" no sonoro, logo a seguir, redundava num fracasso de bilheteira, **The Taming of the Shrew**, e os filmes restantes são simples "evocações" do passado, das aventuras do pós-guerra. O seu **Don Juan** é já um objecto de "luto" levando-o assiadamente a retirar-se. **The Iron Mask** deixa, pois, uma sensação de "fim", pelo que a sequência final adquire um significado particular. Aí o vemos, moribundo, apunhalado pelo gémeo de Luis XIV, condenado a ser o "Máscara de Ferro", cambalear pelo jardim real até ficar prostrado. Em sobreposição os seus três companheiros, Athos Porthos e Aramis, todos mortos na operação pela salvação do rei (a morte de Porthos evoca a de Farrell MacDonald em **The Three Bad Men** de John Ford) surgem de entre as nuvens "convidando-o" de novo a juntar-se a eles. D' Artagnan "salta" para a sua companhia e todos contemplam, irónicos e divertidos as homenagens que na jardim real se prestam ao que deveria ser o Marechal de França, partindo juntos para as novas aventuras que os esperam para "além". Fairbanks ainda não sabia, mas aquele era também o seu adeus. Ou talvez inconscientemente o pressentisse. O que fica em "baixo" não é apenas o corpo de D' Artagnan. É também um estilo de cinema. E o "além" não é mais do que a glória que lhe resta e a memória que deixa.

Manuel Cintra Ferreira